

3



**ESTILO DE VIDA
VOTO DE POBREZA**

**FICHA DE FORMAÇÃO
2026**

Apresentação

As fichas deste ano fazem parte do caminho já iniciado em anos anteriores, seguindo as indicações do XV Capítulo Geral. O tema que nos guiará é o voto de pobreza.

Ao professá-lo, o religioso proclama que Deus é o único bem absoluto: aquele que preenche a vida e lhe dá sentido. Com São Paulo podemos dizer: «Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.» (Gal 2,20). E ainda: «Embora fosse rico, ele se fez pobre por amor de vocês, para que, por meio da pobreza dele, vocês se tornassem ricos» (2Cor 8,9).

O voto de pobreza não é apenas renúncia, mas escolha positiva: adotar o olhar de Cristo para com os pobres, os sofredores e os indefesos. É deixar-nos questionar pelas próprias vivências, partilhar o que somos e o que temos – bens, talentos, espaços, instrumentos – para dar voz a quem não tem e contribuir para um mundo sem exclusões. Como Pedro ao coxo, o consagrado pode dizer: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho te dou.» (At 3,6).

Assim a pobreza torna-se um testemunho de esperança: capacidade de caminhar juntos, confiar mais em Deus do que nos meios humanos, descobrir a beleza da vida e da vocação de cada um. O Papa Francisco nos lembra que aqueles que professam a pobreza, mas vivem ricamente, prejudicam a Igreja. Por esta razão, o voto exige uma liberdade autêntica: não só de bens materiais, mas também de lógicas funcionalistas e consumistas que reduzem tudo a cálculo. É um caminho de confiança e abandono, que nos liberta do supérfluo e nos conduz a Cristo, o único tesouro.

A pobreza evangélica desafia cada discípulo: «Bem-aventurados os pobres» (Mt 5,3). Jesus nos convida a transformar nossa relação com as

coisas: não acumular, não possuir, mas compartilhar. É o caminho para construir a fraternidade, segundo o sonho de Deus para a humanidade.

Também este ano as fichas foram preparadas com a colaboração dos vigários das Províncias: Brasil, Chile e Espanha, as duas províncias da África francófona, Quênia, Itália e Filipinas.

Desejamos a todos uma boa caminhada!

Pe. Maurício Macchi e Pe. Fausto Franceschi

FICHA 1

3

F
I
C
H
A
01

**"VAI, VENDE TUDO O QUE TENS, DÁ AOS POBRES,
DEPOIS VEM E SEGUE-ME!
JESUS, SEUS DISCÍPULOS E DOM ORIONE NA VANGUARDA"**

Invocação ao Espírito Santo



Espírito que pairas sobre as águas,
acalma as dissonâncias dentro de nós,
as ondas inquietas, o barulho das palavras,
os redemoinhos da vaidade,
e faz surgir no silêncio
a Palavra que nos recria.

Espírito que sussurra num suspiro
ao nosso espírito o Nome do Pai,
vem e reúne todos os nossos desejos,
faze-os crescer em um feixe de luz
que seja uma resposta à tua luz,
a Palavra do Novo Dia.

Espírito de Deus, seiva de amor
da imensa árvore na qual nos enxertamos,
que todos os nossos irmãos
apareçam para nós como um presente
no grande Corpo em que amadurece
a Palavra de comunhão.

(Fr. Pierre-Yves di Taizé)

Apresentação do tema

Todos os votos são baseados no estilo de vida de Jesus. Jesus viveu uma vida pobre (baseada na simplicidade, na renúncia às coisas supérfluas, sempre em movimento para encontrar as pessoas), para tornar sua encarnação mais verdadeira e eficaz. Ao assumir a condição de pobre, ele pode combater a pobreza de forma mais decisiva (a condição daqueles que não têm o necessário) que rouba ao homem a sua dignidade. Desde a sua primeira fala em Nazaré, ele declara “Fui enviado para levar boas novas aos pobres e liberdade aos prisioneiros.”

Ao enviar seus discípulos para pregar, ele os convida a levar consigo o mínimo indispensável e a confiar na Providência. Ele pede ao jovem rico que venda tudo e dê aos pobres como condição para segui-lo.

Dom Orione compreendeu que só poderia viver na confiança da Providência se vivesse plenamente a renúncia ao conforto, à segurança econômica e compartilhasse tudo com os preferidos do Evangelho: os pobres.

Nós, seguidores de Cristo, filhos de Dom Orione, com que estilo de vida vivemos nosso apostolado em favor dos pobres?

Iluminação

Constituições: artigo 26



Sempre teremos diante de nós o exemplo do Divino Mestre que, *deixando toda riqueza* por nós, *se fez pobre*; afirmou ter vindo para evangelizar os pobres e fez deles os primeiros cidadãos do seu reino.

O seu convite: “*Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me*”, sempre há de constituir para nós um apelo para uma vida pobre e toda dedicada aos pobres.



Do Evangelho segundo Mateus (8,20-21)

Então um escriba se aproximou e disse-lhe: "*Mestre, eu te seguirei aonde quer que vás*". Jesus lhe respondeu: "*As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça*". E outro dos seus discípulos lhe disse: "*Senhor, deixa-me ir primeiro enterrar meu pai*". Mas Jesus lhe respondeu: "*Segue-me e deixa os mortos enterrarem seus mortos*".

A Palavra da Igreja

Do documento *Vita Consecrata* (82 e 90).

82. Ao início do seu ministério, na sinagoga de Nazaré, Jesus proclama que o Espírito O consagrou para levar aos pobres uma boa nova, para anunciar a libertação aos cativos, devolver a vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor (cf. *Lc* 4,16-19). A Igreja, assumindo como própria a missão do Senhor, anuncia o Evangelho a todo o homem e mulher, preocupando-se pela sua salvação integral. Mas, com uma atenção especial, uma verdadeira « opção preferencial », ela dirige-se a quantos se encontram *em situação de maior debilidade* e, conseqüentemente, de maior necessidade. « Pobres », nas várias acepções da pobreza, são os oprimidos, os marginalizados, os idosos, os doentes, as crianças, todos aqueles que são considerados e tratados como « últimos » na sociedade.

A opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Assim estão obrigados a ela todos os seus discípulos; mas aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando as suas atitudes, não podem deixar de se sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção. A sinceridade da sua resposta ao amor de Cristo leva-os a viver como pobres e a abraçar a causa dos pobres. Isto comporta para cada Instituto, de acordo com o seu carisma específico, *a adoção de um estilo de vida*, tanto pessoal como comunitário, *humilde e austero*. Apoiadas pela vivência deste testemunho, as pessoas consagradas poderão, nos modos adequados à sua opção de vida e permanecendo livres relativamente às ideologias políticas, denunciar as injustiças que são perpetradas contra tantos filhos e filhas de Deus, e empenhar-se na promoção da justiça no ambiente social onde atuam. Deste modo, renovar-se-á também nas situações atuais, graças ao testemunho de inúmeras pessoas consagradas, aquela dedicação própria dos fundadores e fundadoras, que gastaram a sua vida a servir o Senhor, presente nos pobres.

90. Na verdade, *a pobreza evangélica*, ainda antes de ser um serviço em favor dos pobres, *é um valor em si mesma*, enquanto faz lembrar a primeira das bem-aventuranças na imitação de Cristo pobre. Com efeito, o seu primeiro significado é testemunhar Deus como verdadeira riqueza do coração humano. Mas, por isso mesmo, ela contesta vigorosamente a idolatria do dinheiro, propondo-se como apelo profético lançado a uma sociedade que, em tantos lugares do mundo abastado, se arrisca a perder o sentido da medida e o próprio significado das coisas. Por isso hoje, mais do que noutras épocas, a sua solicitação é escutada com favor inclusive por aqueles que, cientes do caráter limitado dos recursos da terra, pedem o respeito e a salvaguarda da criação, mediante a redução do consumo, a sobriedade, a imposição de um freio obrigatório aos próprios desejos.

Deste modo, às pessoas consagradas é pedido um renovado e vigoroso testemunho evangélico de abnegação e sobriedade, num estilo de vida fraterna inspirada por critérios de simplicidade e de hospitalidade, como exemplo mesmo para quantos permanecem indiferentes perante as necessidades do próximo. Tal testemunho há-de ser naturalmente acompanhado *pelo amor preferencial pelos pobres* e manifestar-se-á, de modo especial, na partilha das condições de vida dos mais desfavorecidos.

Dos escritos de Dom Orione

“Um dos pontos principais das nossas regras, da nossa vida religiosa, é a santa pobreza. Entretanto, a pobreza é o primeiro ponto dos conselhos evangélicos que nos foram dados por nosso Senhor Jesus Cristo. Pobreza, castidade, obediência. Vários diretores espirituais disseram que a pobreza é o caminho mais curto e seguro para alcançar o Santo Paraíso.

Deus, não tendo encontrado pobreza no Paraíso, porque o Paraíso é riqueza infinita e riqueza de todo bem, veio buscá-la, vesti-la nesta terra. E Jesus começou a fazer isso ele mesmo: *'coepit facere et docere'*, Ele começou a fazer, a dar o exemplo e depois a ensinar: mas primeiro ele começou a fazer, porque a palavra mais eficaz é o exemplo. *Verba movent, exempla trahunt*, as palavras convencem, mas os exemplos arrastam. Diz-se de Jesus: *“Coepit facere et docere”*. Começou a fazer, depois a ensinar.

Antes de dizer na montanha: *“Beati pauperes”*, bem-aventurados os pobres, ele quis nascer pobre em uma gruta. Viveu toda a sua vida na pobreza, foi uma vida de pobreza, de muita pobreza, de trabalho, de trabalho, de pobreza juntos. Nos três anos de sua vida pública, de evangelização, lemos que ele não sabia onde reclinar a cabeça: os pássaros têm ninhos, as raposas têm tocas, mas o filho do homem não tem

onde reclinar a cabeça; e morreu muito pobre, numa cruz, nu e, mesmo morto, foi colocado num túmulo que não era seu.

E aos que lhe perguntavam o que deveriam fazer para alcançar a perfeição, dizia: "Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue-me"; então exigia que fossem retirados todos os bens que tinham. Então São Pedro um dia lhe disse: "*Reliquimus omnia et secuti sumus te*": deixamos tudo, a casa inteira, o barco, a família, tudo, até as pessoas mais queridas - o despojamento atinge também os afetos naturais -, tudo!

Agora é essa pobreza que você e eu devemos viver e praticar. Temos que praticar e realmente praticar e realmente vivê-la. Não nos contentemos em professá-la com votos, mas em vivê-la verdadeiramente, desapegando-nos até do que pode ser necessário, não nos contentando em professá-la com votos. As eras do cristianismo em que o Senhor mais triunfou, em que a glória de Deus mais brilhou e o Evangelho foi mais amplamente difundido, são os períodos, as eras em que o sacerdote foi mais pobre, em que as ordens religiosas foram verdadeiramente pobres.”

(do discurso de 19 - II – 1940, Par. XII, 122 s.)



Testemunho dos Confrades

Testemunho de pobreza: os primeiros missionários do Tocantins

Se vocês visitarem a sacristia da catedral de Tocantinópolis, encontrarão os túmulos de alguns de nossos confrades. Eles estavam entre os primeiros missionários nesta região.

Outros estão no cemitério local. A evangelização da missão do Tocantins foi confiada pela Santa Sé aos cuidados pastorais da nossa congregação em 1952 e, desde então, vários confrades se revezam trabalhando não apenas na sede do distrito, Tocantinópolis, mas também em todas as aldeias vizinhas. Suas histórias, ainda que ocultas, têm a qualidade de uma epopeia.



Após anos de trabalho árduo, alguns foram designados para outras casas na província brasileira, outros retornaram à sua terra natal. Os que foram enterrados aqui permaneceram até à morte. No então distrito de Tocantinópolis, atual estado do Tocantins, tudo tinha que ser inventado não só do ponto de vista religioso, mas também social. A cidade de Araguaína, por exemplo, é hoje uma cidade próspera com todos os confortos de uma cidade moderna, mas seu desenvolvimento ocorreu graças às obras de Dom Orione: da paróquia, às escolas, ao hospital.

Em cada aldeia o padrão seguido foi o mesmo: chegar ao povo, viver com ele, construir com ele a igreja no centro, centro de unidade, e ao lado dele um ambulatório, um instrumento para o momento presente, e uma escola, semente para o futuro. Esses missionários chegaram aqui assim como os discípulos do Evangelho, trazendo consigo apenas uma pequena mala com pertences pessoais e se adaptando rapidamente a viver como os habitantes locais. Para se deslocar de uma aldeia para outra, usavam cavalos ou barcos ou, em muitos casos, caminhavam por horas.

A criação da diocese de Tocantinópolis/Araguaína foi um dos frutos desse trabalho e uma forma da Igreja universal reconhecer que esse povo é pobre, mas florescente em atividades apostólicas e sociais. Esta realidade cresceu em torno do testemunho de simplicidade e pobreza dos sacerdotes orionitas. Vale lembrar que os dois primeiros bispos da diocese eram orionitas.

Seria bom fazer uma lista de todos os nomes dos confrades que dedicaram alguns anos a essa missão, mas a lista seria longa e muitos deles mereceriam páginas inteiras de memórias.

Perguntas para o diálogo

- Quais são as nossas prioridades de vida?
Elas dizem respeito a nós mesmos ou às pessoas que Deus nos confiou?
- Jesus pede ao jovem rico que renuncie aos seus bens e os distribua aos pobres. Pedro disse: “Nós deixamos tudo para seguir-te”. A que somos chamados a renunciar para estarmos plenamente a serviço dos pobres?
- Costumamos dizer que temos que escolher os pobres mais pobres. Quem são, hoje, na área onde vivemos, as pessoas desprotegidas, desconsideradas, incapazes de viver uma vida digna de um ser humano? O que podemos fazer por eles?
- Os nossos primeiros missionários demonstraram coragem, desenvoltura, criatividade e adaptabilidade. Somos capazes de compartilhar a vida dos mais pobres e trabalhar a partir da situação deles para ajudá-los a melhorá-la?



Oração final

Senhor,
ensina-nos a não nos amarmos a nós
mesmos, a não amar apenas
nossos entes queridos, a não amar
somente aqueles que nos amam.
Ensina-nos a pensar nos outros,
a amar antes de todos aqueles que
ninguém ama.



Concede-nos a graça de compreender
que em cada momento,
enquanto vivemos uma vida muito feliz,
existem milhões de seres humanos,
que também são teus filhos e nossos
irmãos, que estão morrendo de fome
sem ter merecido morrer de fome,
que estão morrendo de frio
sem ter merecido morrer de frio.

Senhor, tem piedade de todos os pobres do
mundo.

E não permitas mais, ó Senhor,
que nós vivamos felizes sozinhos.
Faze-nos sentir a angústia da miséria
universal,
e liberta-nos do nosso egoísmo.

Outros textos bíblicos para a reflexão pessoal

10

F
I
C
H
A

01



✓

✓

✓

✓ A Providência de Deus: Mt 6, 19-34

✓ Deus escolheu os pobres: Lc 6, 20-26; Lc 4, 16-21

✓ Deus defenderá os pobres: Am 2, 6-8; Lc 1, 51-53

✓ Jesus nos convida a cuidar dos pobres: Mt 25, 31-46

Jesus e a utilização do dinheiro: Jo 6,5-7; 12,1-8; 13,27-30

As Bem-aventuranças: Lc 6

Pobreza como estilo de vida para a promoção humana: Is 61,1-3;

Am 8,4-14; At 6,1-7; Mt 5,3-11

✓ Deus utiliza os pobres como instrumentos: 2 Cor 4,7-12; 2 Cor 12, 6-9; 1 Cor 1, 17-31

✓ Vita Consecrata 21; 82; 87; 89; 90

I

Ficha 2

**A essencialidade evangélica é a nossa riqueza:
Deus é o único bem.**

Invocação ao Espírito Santo



Espírito Santo, Fogo do Amor,
sopra em nossa alma queima o que
é supérfluo,
para que busquemos somente o Essencial:
Jesus Cristo, nosso único Bem.

Ensina-nos a pobreza de coração,
para que nada nos pese no caminho
do Evangelho.

Livra-nos das correntes do egoísmo
e das vaidades do mundo,
para que vivamos somente
para Deus e no Seu Amor.
Espírito da Verdade,
faz com que não nos percamos
em palavras vazias,
mas que nosso único desejo seja seguir a Cristo,
pobre, humilde e crucificado,
reconhecendo n'Ele o único Tesouro que não passa.
Dá-nos força para deixar tudo
que não é Deus,
de amar sem medida, de servir sem cálculos,
de viver cada dia com o coração voltado para o Céu,
onde só Deus é suficiente,
onde Deus é o Único Bem.
Amém.

Apresentação do tema

A pobreza está ligada à virtude da esperança, que nos faz buscar a Deus como o único Bem. A prática da pobreza evangélica nos leva a renunciar à dependência dos bens materiais e humanos e a colocar “toda a nossa esperança em Deus”, como a viúva do Evangelho que deu tudo o que tinha para viver. (Lc 21,4). Cada decisão de viver na pobreza é também um ato de esperança, de confiança em Deus que realmente se importa com a nossa vida.

Iluminação

(Constituições art. 27)



Esforcemo-nos por aprofundar sempre mais o significado da nossa profissão de pobreza. Por tal profissão:

- pretendemos buscar a Deus como nosso valor supremo e único bem necessário;
- confiamo-nos à Providência do Pai celeste, que conhece nossas necessidades e cuida daqueles que antes de tudo o mais procuram o seu Reino;
- participamos do despojamento redentor de Cristo, aceitando as renúncias que a pobreza efetiva comporta;
- libertamo-nos de toda excessiva preocupação terrena, afirmando o primado dos bens do espírito;
- tornamo-nos uma *denúncia evangélica para aqueles que servem ao dinheiro e ao poder, apropriando-se egoisticamente dos bens que Deus entregou ao homem para o bem de toda a humanidade.*

Página bíblica Do Evangelho segundo Marcos (Mc 6,7-13)



" Ele chamou os Doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos. E ordenou-lhes que não levassem nada para o caminho, exceto um cajado: nem pão, nem bolsa, nem dinheiro no cinto; mas usar sandálias e não levar duas túnicas. E ele lhes disse: "Em qualquer casa em que entrarem, permaneçam ali até saírem. Se em algum lugar não os receberem nem os ouvirem, saiam e sacudam a poeira dos pés como testemunho contra eles". E, tendo saído,

pregaram ao povo que se convertessem. E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam”.

Papa Francisco



Hoje o Evangelho narra-nos que Jesus envia os seus discípulos em missão (cf. Mc 6, 7-13).

Envia-os “de dois a dois”, com uma importante recomendação: devem levar consigo apenas o necessário.

Meditemos por um momento sobre esta imagem: os

discípulos são enviados *juntos* e devem levar consigo *apenas o necessário*.

O Evangelho não se anuncia sozinho, não: anuncia-se em conjunto, como comunidade, e por isso é importante saber preservar a sobriedade: saber ser sóbrio no uso das coisas, compartilhando recursos, capacidades e dons, prescindindo do supérfluo. Porquê? Para sermos livres: o supérfluo escraviza-nos. E também a fim de que todos possam ter o necessário para viver com dignidade e contribuir ativamente para a missão; e, além disso, para ser sóbrios nos pensamentos, nos sentimentos, abandonando os preconceitos e a rigidez que, como bagagem inútil, pesa e atrapalha o caminho, favorecendo ao contrário o confronto e a escuta e, assim, tornando o testemunho mais eficaz.

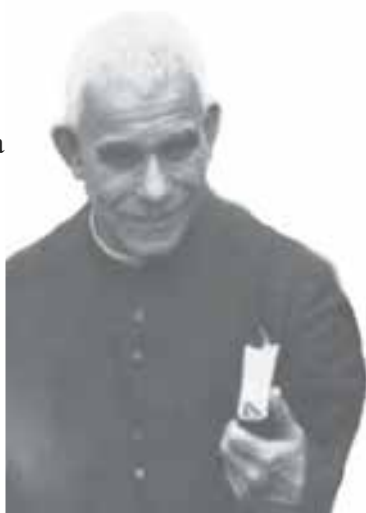
Pensemos, por exemplo, no que acontece nas nossas famílias ou nas nossas comunidades, quando nos contentamos com o necessário, até com pouco, com a ajuda de Deus conseguimos ir em frente e compreender-nos, compartilhando o que temos, renunciando todos a algo e apoiando-nos uns aos outros (cf. At 4, 32-35). E isto já é um anúncio missionário, antes e ainda mais do que palavras, pois encarna a beleza da mensagem de Jesus na realidade da vida. Com efeito, uma família ou uma comunidade que vive assim, cria em volta de si um ambiente rico de amor, no qual é mais fácil abrir-se à fé e à novidade do Evangelho, e do qual se recomeça melhor, mais sereno.

Se, ao contrário, cada um segue o próprio caminho, se o que conta são apenas as coisas - que nunca são suficientes - se não nos ouvimos uns aos outros, se o individualismo e a inveja prevalecem - a inveja é mortal, um veneno! - o ar torna-se pesado, a vida difícil e os encontros tornam-se mais uma ocasião de inquietação, tristeza e desânimo do que uma oportunidade de alegria (cf. Mt 19, 22).

Estimados irmãos e irmãs, *comunhão e sobriedade* são valores importantes para a nossa vida cristã: comunhão, harmonia entre nós e sobriedade são valores importantes, valores indispensáveis para uma Igreja que seja missionária a todos os níveis.

Então, podemos perguntar-nos: sinto o desejo de anunciar o Evangelho, de levar onde vivo a alegria e a luz que vêm do encontro com o Senhor? E para o fazer, estou comprometido em caminhar com os outros, compartilhando com eles ideias e habilidades, com mente aberta e coração generoso? E, concluindo: sei cultivar um estilo de vida sóbrio, um estilo de vida atento às necessidades dos irmãos? São perguntas que nos fará bem formular. (*Angelus de domingo 14 de julho de 2024*)

a
para



Dos Escritos de Dom Orione

Toda a minha vida e tudo o que possuo são consagrados Jesus Cristo, meu Deus, agora e para sempre. Serei tudo todos, para ser tudo para Jesus crucificado. (cf. LII, 154)

Enquanto formos não apenas de nome, mas de fato, pequenos e pobres filhos da divina Providência, o Senhor estará conosco. É repugnante chamar um amante do conforto de filho da Divina Providência. Enquanto houver pobreza em nossas casas, seremos abençoados por Deus. Apeguem-se ao espírito da pobreza. (*Riunioni* 77)

Testemunho dos confrades

(Pe. Fausto Santella)



Ele nasceu em Barbarano Romano em 9 de agosto de 1908 e morreu em Roma aos 98 anos de idade, 77 de vida religiosa e 72 de sacerdócio. Ele foi acolhido na Congregação aos 14 anos por Pe. Risi em 1º de outubro de 1922, e a partir desse dia sua vida se identificou inteiramente com Dom Orione, a quem teve a oportunidade de conhecer por muitos anos, e com a Congregação que amava como uma mãe.

Aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo ainda se lembram do tom profético quando ele falava de Dom Orione, quando recordava o que Dom Orione queria de seus filhos, quando evocava o espírito de pobreza, a vida de oração, a caridade, a vontade de Deus, a obediência e o amor pelo Papa.

Em 15 de agosto de 1924, ele recebeu o hábito religioso em Villa Moffa, de Dom Orione. Depois ele foi a Veneza para frequentar o Liceu com os padres Cavanis. Os seus anos como clérigo foram de fogo e sacrifício: No seminário de Montebello, ele foi assistente e professor, além de ter estudado teologia. Ele já tinha saúde frágil. Dom Orione, que o via tão generoso e sacrificado, escreveu ao diretor Pe. Camilla Bruno em 29 de novembro de 1932: *"Faça com que ele (Santella) tenha uma dieta muito, muito saudável, caso contrário, as coisas vão acabar mal e carregaremos isso na consciência. É pessoa que não se importa em trabalhar e que se doa: a Congregação nunca se doa demais com aqueles que se dedicam a ela. Além de uma dieta mais substancial e uma nutrição verdadeiramente excepcional, temos ovos e leite pela manhã e leite quente com ovo batido como lanche. E faça com que seja feito imediatamente. Não deixe chegar muito tarde".*

Após sua ordenação sacerdotal em 24 de fevereiro de 1934, desempenhou diversas

funções nas casas de formação. Um sacerdote de baixa estatura, frágil, mas sempre lúcido e ativo, sempre interessado nos outros e aberto a relacionamentos. Ele sempre teve que lutar contra problemas de saúde, mas não se queixava; cuidava de si mesmo obedientemente; dedicava-se aos outros sem pensar muito em seus próprios males. Ele então residiu por um longo tempo nas comunidades de Roma e ajudou como diretor espiritual e confessor várias comunidades orionitas, bem como comunidades externas que recorriam a ele.

Ele se tornou o ponto de referência para as confissões de clérigos, religiosos, padres e leigos que vinham procurá-lo em seu quartinho. Um quartinho muito pobre, com o essencial: A cama, um pequeno guarda-roupa, uma cadeira, o genuflexório, um crucifixo e uma mala de papelão bem pequena que ele usava para viajar para as diversas comunidades. Era tudo o que alguém que se considera apenas de passagem por esta vida precisa. De fato, alguns confrades, que o visitaram pouco antes de sua morte, o encontraram em pé encostado na janela, olhando para fora e rezando com o terço na mão. O quartinho estava arrumado, limpo, como se alguém quisesse deixar tudo no lugar porque precisava ir para outro lugar.

Após as saudações iniciais, Pe. Santella, dirigindo-se aos seus confrades com grande calma e serenidade, disse-lhes: *"Estou aqui esperando que o Senhor venha me levar para a última viagem"*: A pequena mala estava colocada sobre a mesa, fechada, talvez apenas como uma lembrança da viagem, vazia de objetos, mas repleta de coisas boas. Até seus últimos dias, ele viveu um profundo desejo de encontrar Jesus, o único bem necessário. Generoso na doação de si mesmo, disponível para o sacrifício, ele personificava aquele estilo de vida pobre, sóbrio e essencial tão caro ao Senhor e a Dom Orione.

Outro confrade, então Superior geral, recorda que um dia foi chamado por Pe. Santella porque este queria falar com ele. Na verdade, ele tinha que lhe entregar um relógio de bolso antigo e, com ternura, enquanto o entregava, disse: *"Pe. Sterpi me deu, por sugestão de Dom Orione, em 1936, quando eu estava em Montebello. Quantas horas ele trabalhou. **Todas para o Senhor**"* E depois de objeto, ele lhe disse: *"Este relógio marcou quase setenta anos da minha vida religiosa"*.

Agora ele já não marca o tempo para Pe. Santella, mas nos lembra do que é essencial, do significado e valor de nossa vida consagrada: as horas que temos são *"Todas para o Senhor"*.



Viver a pobreza de
forma verdadeira e profunda
nos conduz a uma maior
liberdade para amar a
Deus e ao nosso
próximo.

Refleta sobre esse aspecto: viver a pobreza nutre em mim a virtude da esperança, isto é o abandono confiante e total em Deus, como o único e supremo Bem?

Ao tomar decisões, coloco "meus interesses" em primeiro lugar, ou tenho a capacidade de discernir o que é o bem comum, o bem que nutre a comunhão e torna verdadeira a comunhão dos bens?

Na gestão do tempo e dos recursos materiais, caminho sozinho ou tenho a possibilidade de consultar os líderes da comunidade e outros irmãos?

Como comunidade, podemos identificar um pequeno passo que nos ajude a amadurecer uma atitude e um estilo de vida simples e sóbrio, que sirvam de exemplo para nós e para o mundo ao nosso redor?

Ficha 3

OS FUNDAMENTOS DO VOTO DE POBREZA: TRABALHO, MORTIFICAÇÃO E VIDA AUSTERA

17

F
I
C
H
A

03

Oração Inicial

Para pedir o dom do Espírito Santo



Vem, ó Espírito Santo, ouve-nos.
Espírito do Pai, dá-nos a vida.
Espírito do Filho, salva-nos.
Ó Amor eterno, preenche-nos.
Com o teu fogo, incendeia-nos.
Ilumina-nos com a tua luz.
Fonte viva, sacia-nos.
Lava-nos dos nossos pecados.

Com a tua unção, fortalece-nos.
Pelo teu conforto, consola-nos.
Com a tua graça, guia-nos.
Por meio de teus anjos, protege-nos.
Nunca permitas que nos separemos de ti.
Deus Espírito Santo, ouve-nos.
Com o dedo da tua graça, toca-nos.
Derrama em nós a torrente da virtude.
Fortalece-nos com teus dons.
E com os teus frutos refresca-nos.
Livra-nos do inimigo maligno.
Na batalha final, unge-nos.
Na hora da morte, defende-nos.
Então chama-nos a ti
para que com todos os santos
Louvemos o Pai, o Filho e tu,
Consolador piedoso e eterno. Amém.

Dom Orione, como bem sabemos, recomendava aos seus seguidores que incorporassem e abraçassem a pobreza, imitando a vida de Jesus, o Mestre. E, por ocasião do Natal de 1935, ele se dirigiu a seus ex-alunos, benfeitores e amigos para lembrá-los de amar e viver com as coisas humildes e simples. Desde o início da Congregação, nosso Fundador desejava religiosos humildes que confiassem somente na Divina Providência e que, mesmo em grandes obras de caridade, utilizassem meios e recursos pobres. Além disso, ele recomendou: "No dia em que formos ricos, escreveremos: fim!" Este chamado de Dom Orione sobre nossa pobreza nos convida e nos impulsiona a refletir sobre nosso estilo de vida hoje, na época em que vivemos. Encontrar conforto e relaxamento é sempre uma tentação fácil, conforme nos ensina a história da vida consagrada.

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* é muito clara sobre o tema da pobreza: «Na realidade, mesmo antes de ser um serviço aos pobres, a pobreza evangélica é um valor em si mesma, na medida em que recorda a primeira das Bem-aventuranças na imitação de Cristo na sua pobreza. Seu primeiro significado, na verdade, é testemunhar Deus como a verdadeira riqueza do coração humano... É, portanto, solicitado aos consagrados que deem um testemunho evangélico renovado e vigoroso de abnegação e sobriedade, num estilo de vida fraterno inspirado por critérios de simplicidade e hospitalidade, também como exemplo para aqueles que permanecem indiferentes às necessidades do próximo» (VC 90).

Esperamos que o fruto final das reflexões feitas em conjunto sobre esta terceira ficha seja encontrar uma maneira de usar os bens pessoais e comunitários de um modo mais evangélico e orionita.

Constituições



Artigo 33 - O trabalho: Tanto individualmente, cada um no seu próprio lugar e no seu encargo, como comunitariamente, obedecemos à lei comum do trabalho. *Aliás, todos somos chamados a trabalhar: a grande lei vale hoje como no primeiro dia da humanidade. O trabalho se requer tanto para o progresso material como para o progresso moral.*

Artigo 34 - Vida austera - No mais alegre e generoso espírito de pobreza, contentamo-nos com o necessário, usando os bens materiais com toda a gratidão, como dom da Providência. Fugimos de todo comodismo, de toda ambição de lucro e acumulação de bens e de toda aparência, por menor que seja, não admitindo desperdício ou despesas inúteis (CIC 668,3 CIC 668,1-2 cf PC 13 ODP, março 1934 PC 13 40). Aceitamos serenamente as privações que as circunstâncias da vida impõem a todos e especialmente aos pobres. *Queremos viver a pobreza também nas horas de doença e no momento de morrer.*

Artigo 35 - Mortificação - Nossa Congregação será grande e fará um grande bem até o dia em que seus filhos souberem mortificar-se no comer e no beber. Cuidaremos de testemunhar a pobreza evangélica pela mortificação nos alimentos, nas bebidas, no modo de vestir e nos nossos ambientes. Assim, de conformidade com a tradição que vem do Fundador, abtemo-nos de fumar e do uso fácil de artigos supérfluos.

Página bíblica



Do Evangelho segundo Mateus

(Mt 6,25-34)

“Por isso é que eu lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. Afinal, a vida não vale mais do que a comida? E o corpo não vale mais do que a roupa? Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem juntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais do que os pássaros? Quem de vocês pode crescer um só centímetro, à custa de se preocupar com isso? E por que vocês ficam preocupados com a roupa? Olhem como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, porém, lhes digo: nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada no forno, muito mais ele fará por vocês, gente de pouca fé! Portanto, não fiquem preocupados, dizendo: O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir? Os pagãos é que ficam procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso. Pelo contrário, em primeiro lugar busquem o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus dará a vocês, em acréscimo, todas essas coisas. Portanto, não se preocupem com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá suas preocupações. Basta a cada dia a própria dificuldade.”

Dom Orione



Vamos agora reler o que Dom Orione, pensando em um renovado testemunho de sobriedade, mortificação e vida austera, escreveu em uma carta enviada a seus confrades na Terra Santa no dia 7 de fevereiro de 1923:

“E agora passo a recomendar a temperança e o trabalho. A oração, o trabalho e a temperança são três pérolas muito preciosas que devem brilhar na frente e na vida de todo

Filho da Divina Providência. Oração, trabalho e temperança: é isso que realmente fará nossa querida Congregação prosperar. *Oratio, labor et temperantia!*...

Recebi suas felicitações de Natal e agradeço por elas. Mas como eu poderia gostar delas, sabendo que não se vive como se deveria? Que a pobreza só é amada com palavras? Sim, voto de pobreza, mas desde que nada falte e se possa viver uma vida confortável e tranquila. Pobreza, por outro lado, significa sacrifício e também economia: Pobreza significa não desperdiçar: pobreza significa ser escrupuloso em controlar e não desperdiçar. ...

Somos apenas administradores dos bens da Igreja e dos pobres: E teremos que prestar contas a Deus, à Igreja e aos pobres. Não falo de coisas maldosas, não falo de mesquinhez, não falo de ganância, mas falo e recomendo a santa pobreza, a economia e a ordem” (Lettere I, 466.473).



Papa Francisco

A primeira coisa a fazer, explicou o Santo Padre, é nos perguntarmos:

«**Qual é o meu tesouro?**». E

certamente não podem ser riquezas, pois o Senhor diz: “Não

acumulem para vocês tesouros na terra, pois no final eles se perderão”.

Além disso, o Papa sublinhou, são «tesouros arriscados que se perdem»; e são também «Tesouros que devemos deixar para trás, não podemos levá-los conosco. Nunca vi um caminhão de mudanças atrás de um cortejo fúnebre», comentou. Então, ele se perguntou: qual é o tesouro que podemos levar conosco ao final de nossa jornada terrena? A resposta é simples: «Você pode levar apenas o que deu.

Mas o que você guardou para si, isso você não pode levar».

(Homilia, Santa Marta, 21 de junho de 2013).

Testemunhos: confrades santos

O sacerdote orionita Juan Dellalián, segundo o relato de Pe. Pedro Ferrini

Oito órfãos armênios pediram para entrar na Congregação. Dois deles se tornaram padres. O padre Juan Dellalián recebeu a ordenação sacerdotal em 12 de julho de 1942, em plena Guerra Mundial, no santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, na cidade de Fumo. Generoso e extrovertido, muito seguro de sua vocação, sempre foi muito grato a Dom Orione, aos seus superiores e à Congregação. Durante os primeiros dez anos de sacerdócio, dedicou seu trabalho apostólico aos jovens e aos órfãos em várias partes da Itália. Mais tarde, expressou o desejo de se tornar missionário na América do Sul. Os superiores acolheram favoravelmente esse desejo do padre, que deixou a Itália nos primeiros dias de 1952. Ele desembarcou no Brasil e, após uma breve parada, continuou sua viagem de avião. Chegou no Chile em 11 de fevereiro de 1952. Duas semanas depois, no dia 24 do mesmo mês, ele chegou a Los Angeles, no sul do Chile. Ele é considerado o "primeiro chileno" entre os sacerdotes orionitas. Por mais de trinta anos, ele serviu à



Congregação com entusiasmo e fidelidade, em diversas obras neste País.

Em apenas um mês de trabalho intenso, Pe. Dellalián preparou o ambiente para a abertura de um internato. Ele arregaçou as mangas e trabalhou duro como um operário, subindo no telhado para substituir, trocar e consertar as telhas. O estado deplorável em que o terremoto deixou o prédio o desanimou a tal ponto que ele decidiu voltar para Santiago. Por sorte, ele conheceu o arquiteto Belloni, um grande amigo e benfeitor da Obra, que lhe devolveu a coragem e o entusiasmo, além de ajudá-lo financeiramente. Em 24 de março de 1952, ele pôde acolher algumas crianças órfãs pobres do interior, oferecendo-lhes a oportunidade de ter um lar. Padre Juan havia experimentado a orfandade e conhecia bem o abandono. Desde a mais tenra infância, ele experimentara o que significava não pertencer a ninguém, não ter ninguém em quem confiar, a quem pudesse depositar seus sentimentos mais ternos.

Ele também queria ser, como Dom Orione, pai e mãe de centenas de crianças, para fazê-las sentir aquele afeto e carinho que não encontravam em seus lares. Foi um escândalo para a cidade vê-lo trabalhando como lavrador nos campos, semeando e colhendo, para que seus órfãos não passassem necessidade. A Sra. Maruja lembra que o Padre Juan precisava de um meio de transporte rápido para fazer seus recados e atender às necessidades do colégio. Com um sorriso no rosto e de forma muito simples, pediu ao pai que lhe comprasse uma bicicleta. O homem não conseguiu resistir ao pedido e lhe deu o dinheiro. Não era comum ver um padre andando de bicicleta, mas ele não tinha vergonha de se locomover pela cidade dessa maneira, mesmo que pudesse parecer impróprio para um ministro de Deus. Ele a utilizou por muitos anos, até que pôde adquirir um meio de transporte mais adequado. Seu trabalho manual, por vezes árduo, arando e semeando enquanto dirigia o trator, causou grande impacto na cidade.

Foi professor, cultivou o coral e a música. Ele impressionava as pessoas com sua extraordinária força como "padre de aldeia", pelo seu caráter alegre e espirituoso, mas também era um homem de grande cultura: foi membro honorário do Rotary Club, do corpo de bombeiros, do clube dos "huasos" (vaqueiros chilenos) e capelão militar. Foi o fundador do atual colégio Dom Orione em Los Angeles, que surgiu, como todas as boas obras, sob a proteção da Divina Providência.

Em certa ocasião, quando não havia lenha para a cozinha e nada para colocar na panela, Pe. Juan fez os internos formarem uma fila e os levou até a igreja para pedir ajuda à Divina Providência. Enquanto estavam rezando, ouviu-se o som da sineta. Um homem vestindo um poncho típico de camponês perguntou pelo padre responsável pelo colégio. "Está na igreja com as crianças" respondeu o senhor Winser, que tinha ido abrir a porta. "Não o chame", continuou o desconhecido. "Deixo-lhe este bilhete para ele ir buscar lenha". Foram imediatamente buscá-la. À lenha foram acrescentados alguns sacos de batatas, abóboras e "algum dinheiro para a gasolina". O caminhão havia sido emprestado pela companhia elétrica.



- ✓ Quais são os principais desafios enfrentados pela comunidade em relação
- ✓ à sobriedade? O que precisa mudar para um estilo de vida verdadeiramente humilde e evangélico?
- ✓ Em comunidade, vivemos do nosso trabalho e nossa vida
- ✓ é verdadeiramente austera? Aceitamos algum sacrifício e mortificação?
- ✓ Como incorporamos em nossa comunidade o que diz respeito à confiança na Providência?
- ✓ Amamos e vivemos sinceramente as coisas humildes e pobres,
- ✓ como desejava Dom Orione?
- ✓ O que podemos dizer sobre conforto e relaxamento?
- ✓ Elaboramos nossa prestação de contas mensal pessoal, conforme exigido por nossas regras?
- ✓ Os Confrades são prontamente informados sobre o progresso financeiro da casa (Norma 225)?
- ✓ O que podemos dizer sobre o caixa único (Const. 224; Normas 199; 202) e o caixa comum (Norma 220)?

Ficha 4

DESPOSAR A POBREZA

Oração Inicial

Invocação ao Espírito Santo
A glória de Cristo no homem vivo.



Espírito Santo,
Espírito de Sabedoria, de Ciência,
de Inteligência, e Conselho,
faz que transbordemos,
nós te suplicamos,
do conhecimento da Vontade do
Pai,
enche-nos de toda a sabedoria
e inteligência espiritual.

Abre nossos corações à consolação
do teu dom para que possamos

conhecer o mistério que no tempo vai se revelando. O mistério
preparado por séculos sem fim: a glória de Cristo no homem
vivo._

E tu, Maria, primeiro fruto privilegiado desta glória de Cristo,
torna os nossos corações sensíveis aos caminhos de Deus, às suas
formas de se manifestar na nossa História.

Ajuda-nos a caminhar na sua verdade para que possamos
encontrá-lo e acolher o seu mistério. Amém.

(Cardeal Carlo Maria Martini)

Apresentação do Tema

O tema da "pobreza" está definitivamente fora de moda hoje em dia. Os verbos bíblicos *deixar*, *abandonar*, *perder*, *desapegar-se*, presentes na história de Abraão (Gênesis 12) não têm muitos ouvintes e, sobretudo, faltam ou são pouquíssimas as pessoas que demonstram coragem e disponibilidade de colocá-los em prática.

Por outro lado, a riqueza já não é vista apenas como uma libertação da pobreza, mas sim como algo desejado e considerado um símbolo de status; é sinônimo de poder, domínio e valor (no sentido de ser valioso); é a medida de todas as coisas, inclusive dos relacionamentos interpessoais.

O erro reside em confundir os meios com os fins, o ter com o ser; reside em buscar riquezas cada vez maiores, cedendo à ilusão de finalmente encontrar a felicidade plena. Hoje, o homem se depara rapidamente com o dilema entre "ter ou ser". Todas as escolhas da vida se resumem a esse parâmetro. E é extremamente perigoso deixar que o ter prevaleça sobre o ser, que o ser se torne escravo do ter.

Para nós, orionitas, o desafio reside no compromisso de sermos uma presença pobre entre os pobres: obrigamo-nos a usar e dispor dos bens econômicos não como proprietários, mas em dependência do Superior, de acordo com as Constituições; Estamos empenhados em manter um padrão de vida digno dos verdadeiramente pobres, segundo o Evangelho, conscientes de que, em matéria de pobreza religiosa, não basta estar sujeito aos Superiores no uso dos bens, mas é também necessário praticar a pobreza externa e interna (Const. 29).



Das Constituições. Art. 28

- Certos de que abraçar a pobreza entre os Filhos da Divina Providência significa encarnar a vida dos mais pobres;

- prestaremos sempre ouvidos ao grito dos pobres que neste mundo se levanta, ouvindo-o como convite a uma contínua conversão para colocarmos à disposição deles, em conformidade com as diretrizes da Igreja, tudo quanto a Providência nos enviar;

- daremos um testemunho também comunitário de pobreza, levando em conta as condições dos lugares nos quais somos chamados a trabalhar. Todavia, nossa pobreza não pode se limitar unicamente à conformidade com os costumes do ambiente popular, mas deve ser generosa resposta ao Evangelho.

Página bíblica



Os meios que Jesus utilizou no Presépio em Nazaré e na cruz são: pobreza, abjeção, humilhação, abandono, perseguição, sofrimento e cruz. Eis as nossas armas, as do nosso divino Esposo, que nos pede que o deixemos continuar a sua vida em nós;

Ele é o único Esposo amoroso, o único Salvador, a única sabedoria e a única verdade. Sigamos este “modelo único”, assim teremos certeza de que nos sairemos muito bem, porque não somos nós que vivemos, mas aquele que vive em nós; nossas ações não são mais nossas, humanas e miseráveis, mas dele, divinamente eficazes (Charles de Foucauld).

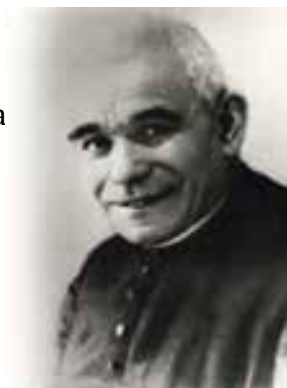
Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 4, 16-21)

Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.” Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabam de ouvir.”

Dos escritos de São Luís Orione

Desposar a pobreza

“O que significa desposar a pobreza?
Significa desposar teoricamente a pobreza
Significa fazer um voto de pobreza?
Mais! Significa praticar a pobreza? Mais!
Significa agarrar-se à pobreza?
Mais! Mais! Mais!
Desposar a pobreza significa transformar
sua vida em um holocausto para os
pobres, os humildes e os leprosos...
O que significa desposar a pobreza?



Ah, se os pobres filhos da Divina Providência
desposassem a pobreza! Se eles soubessem desposar a pobreza
segundo o espírito da Pequena Obra, ninguém mais do que nós,
nem os Franciscanos nem os Capuchinhos, ninguém mais do
que nós desposaria a pobreza!

Desposar a pobreza significa incorporar em nós a vida dos mais
pobres, dos mais abandonados, dos mais rejeitados, dos mais
aflitos! Isso é desposar a pobreza! Não basta dizer: vivamos
pobremente. Não basta dizer: fizemos a promessa de ser
pobres! Não basta! Desposar a pobreza é amar a pobreza,
retrato de Cristo em nossos irmãos, e amá-la tanto... e vivê-la
tanto!

E se os Filhos da Divina Providência, com a ajuda do Senhor, já
que nada podemos fazer por nós mesmos, nada fazemos, forem
como o sopro da Divina Providência nos elevou, então ninguém
entre todos os Religiosos terá que, mais do que nós, viver e
desposar a pobreza no sentido mais verdadeiro, no sentido
mais grandioso, no sentido mais sagrado; ninguém mais do que
nós, chamados a consagrar nossas vidas pelos mais pobres, por
tantos irmãos nossos aflitos e rejeitados, por aqueles que o
mundo considera como restos, o lixo da sociedade e quase a
serem evitados como pessoas indignas até mesmo de serem
olhadas”. *(De uma meditação de 06 de outubro de 1939, Tortona-
Paterno; Parole XI,142).*

Testemunho dos confrades

Dom Enemésio Angelo Lazzaris

28

Uma das figuras religiosas mais lembradas da Província de Nossa Senhora de Fátima (Brasil Norte) é, sem dúvida, Dom Enemésio Ângelo Lazzaris.

Foi diretor de diversas comunidades, Provincial, Vigário geral e da diocese de Balsas, no estado do Maranhão.

Dom Enemésio impressionou a todos que o conheceram com suas inúmeras virtudes, e todos se lembram de sua austeridade e simplicidade de vida.



F
I
C
H
A

04

Certa vez, quando já era Bispo de Balsas, confidenciou a um jovem sacerdote orionita: "Alguns religiosos têm tantos problemas com dinheiro"! E a vida é tão simples! Eu, por exemplo, recebo minha pensão e a entrego à Sra. Maria Amélia (na época, tesoureira da diocese). Quando viajo, peço-lhe uma quantia e, ao chegar, presto contas de tudo... E isso me dá muita liberdade".

Todos se lembram do seu altruísmo evangélico! Durante as viagens de ônibus, ele sempre levava algo para comer para evitar gastos. Outro aspecto importante da vida de nosso confrade é a oração. Ele observava fielmente a Liturgia das Horas, a Missa e o Santo Rosário. Talvez sua vida de oração seja a chave para entendermos a origem de sua pobreza genuinamente evangélica.

A este respeito, vale a pena lembrar o testemunho de um confrade sobre sua intimidade com o Senhor. O padre conta: "Certa vez, estávamos viajando com um grupo de religiosos para um evento da Província. Na época, ele era o Superior Provincial. Durante a viagem, um dos pneus do carro furou e tivemos que parar para

consertá-lo. Ficamos todos conversando e observando o mecânico tentando consertar o pneu. Percebi que Pe. Enemésio não estava entre nós e comecei a procurá-lo. E, de repente, o vi em um lugar mais reservado, com seu breviário na mão, rezando as Vésperas. Aquele gesto me edificou profundamente e me lembrou da maneira como Dom Orione descreveu o Pe. Sterpi, dizendo que ele era verdadeiramente um sacerdote que parecia um sacerdote. E assim, eu vi Dom Enemésio: um sacerdote que realmente parecia um sacerdote, em todos os sentidos."

Perguntas para o diálogo

- No documento do XV CG lemos:

"Sonhamos com uma Família Religiosa que passe cada vez mais das obras de caridade a operar a caridade, que dê cada vez mais ênfase a um estilo de vida pobre entre os pobres, que dá credibilidade à nossa missão".

E ainda: *"Sonhamos deixar nossa comodidade para enfrentar novas realidades à imagem de Cristo".* (Linha de Ação. 8, nº 53).



- Como estamos vivenciando, pessoalmente e como comunidade, esse convite do Capítulo?
- Que atitudes concretas nos ajudam a testemunhar o voto de pobreza em nossa realidade apostólica?
- O Capítulo Geral sugeriu a criação de um "observatório da pobreza" que incentivasse e, em última instância, organizasse novas respostas. Tomamos medidas concretas, levando em consideração as indicações do Capítulo?

SER POBRE ENTRE OS POBRES**Oração inicial****Invocação ao Espírito Santo**

Espírito Santo, sopra de Jesus pobre,
Vem e liberta meu coração de toda vaidade e de toda pretensão.



Ensina-me a viver com leveza,
sem amarras de bens materiais
ou honrarias, para que a minha
única riqueza seja o Evangelho.

Espírito de gratuidade,
permite-me dar sem medida o
que recebi, de procurar os mais
necessitados e viver com eles

como um irmão.

Espírito de força e mansidão, protege a Pequena Obra da
Divina Providência do risco de se tornar rica e vazia, mantenha-
a peregrina, pobre e apaixonada por Cristo.

Enche nossos corações com a alegria daqueles que sabem que
tudo é graça, e torna-nos sinal vivo do Reino que pertence aos
pobres de espírito.

Amém.

O coração da pregação evangélica nasce da gratuidade: Aquilo que recebemos como dádiva de Deus deve ser oferecido sem reservas, como sinal de gratidão e amor. Jesus e os apóstolos viviam assim: pobres entre os pobres, livres de riquezas e seguranças materiais, confiando-se totalmente à providência. A pobreza evangélica não é apenas a ausência de bens materiais, mas uma escolha de estilo de vida que testemunha que a verdadeira riqueza é o próprio Deus.

O Papa Francisco nos lembra que, quando a Igreja perde essa gratuidade e se concentra na acumulação de bens, corre o risco de se transformar em uma ONG sem vida espiritual. A pobreza, em vez disso, torna-se uma garantia de autenticidade, protegendo-nos de sermos empreendedores do sagrado e mantendo nossos corações livres para o anúncio.

Esse espírito, também reiterado por Dom Orione, nos convida a permanecer com os mais pobres, a compartilhar suas vidas, a renunciar a formas de luxo ou privilégio que distorcem a missão. A Igreja nasceu pobre e para os pobres. Retornar a essa fonte significa entrelaçar indissolivelmente o amor por Cristo e o amor pelos pobres, reconhecendo neles a própria face do Senhor.

Iluminação

Constituições:

Artigo 30 - Renúncia aos bens pessoais: A profissão do voto de pobreza nos consente a propriedade radical dos bens patrimoniais e a capacidade de adquirir outros por título legítimo. Todavia, por motivo razoável, podemos, após a emissão dos votos perpétuos, também *renunciar aos bens*



patrimoniais já possuídos ou a serem adquiridos, com a permissão do Diretor Geral e voto deliberativo do seu Conselho. Esta renúncia seja redigida possivelmente em forma válida também segundo o direito civil.

Artigo 31: Tudo em comum: A Pequena Obra da Divina Providência é a nossa família; entregamos-lhe o fruto do nosso pensar e do nosso trabalho. Por isso, entre nós, como entre os fiéis da primitiva comunidade cristã, tudo deve ser de todos e deve ser posto em comum para as necessidades de todos.

A Palavra de Deus



Do Evangelho segundo Mateus (Mt 17, 22-27)

Enquanto estavam reunidos na Galileia, Jesus disse-lhes: "O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e eles o matarão, e ao terceiro dia ressuscitará". E eles ficaram muito tristes.

Quando chegaram a Cafarnaum, os cobradores do imposto do templo aproximaram-se de Pedro e disseram-lhe: "O vosso mestre não paga o imposto?". Respondeu: "Sim". Ao entrar na casa, Jesus o impediu, dizendo: "O que você acha, Simão? De quem os reis da terra cobram impostos e tributos? Dos seus próprios filhos ou de estranhos?". Respondeu: "Dos estranhos". E Jesus respondeu: "Então os filhos são livres. Mas, para não os escandalizar, vá ao mar, lance o anzol e pegue o primeiro peixe que subir. Abra a boca dele e encontrarás uma moeda de prata. Pegue-o e dê a eles em meu nome e em seu nome".

A Palavra da Igreja

A pregação evangélica nasce da gratuidade, da maravilha da salvação que chega e do que recebi gratuitamente, devo dar gratuitamente. E desde o início eles eram assim. São Pedro não tinha conta bancária, e quando precisou pagar impostos, o Senhor o enviou ao mar para pescar um peixe e encontrar a moeda dentro dele, para pagar o imposto. [...] Tudo é graça. Tudo. E quais são os sinais de um apóstolo que vive essa gratuidade? Existem muitos, mas vou destacar apenas dois. Primeiro, a pobreza. O anúncio do Evangelho deve trilhar o caminho da pobreza. O



testemunho dessa pobreza: Não possuo riquezas, minha única fortuna é o presente que recebi, Deus. Esta gratuidade: esta é a nossa riqueza! E essa pobreza nos impede de nos tornarmos organizadores, empreendedores ... As obras da Igreja devem ser levadas adiante, e algumas são um pouco complexas; mas com um coração de pobreza, não com o coração de um investidor ou de um empresário, certo?

[...] Quando encontramos apóstolos que querem enriquecer a Igreja sem elogios gratuitos, a Igreja envelhece, a Igreja se torna uma ONG, a Igreja não tem vida. Peçamos hoje ao Senhor a graça de reconhecer essa gratuidade: “De graça recebestes, de graça deveis dar”. Reconhecer essa gratuidade, esse presente de Deus. E nós também devemos prosseguir na pregação evangélica com essa gratuidade.

(Papa Francisco - Homilia Santa Marta, 11 de junho de 2013).

A Palavra do Pai



Não queremos títulos ou honras, queremos os pobres, queremos ser pobres, queremos estar com os mais pobres, e os pobres nos amam, e mesmo se as igrejas fossem fechadas, nos deixariam nossos pobres, e ainda seremos aqueles que podem fazer um pouco de bem.

Os comunistas vieram nos trazer pacotes de arroz para distribuirmos aos refugiados, porque confiavam em nós

...Se ficarmos com os pobres, eles nos deixarão em paz e nos respeitarão, mas devemos retornar à origem e, o mais

rápido possível, abandonar essas instituições ricas....

Somos pelos pobres, pelos mais pobres. Nunca se esqueçam, façam disso o sangue do vosso sangue, a vida da vossa vida, esta é a vida

da Congregação. Enquanto não houver sofás, salas de estar modernas, etc., em nossas casas, manteremos o espírito da

Congregação. Devemos cuidar dos órfãos, dos idosos e dos mais fracos

A Igreja nasceu com os pobres, o Evangelho é para os pobres (e até para os ricos, mas pobres de espírito).

Os diáconos da Igreja cuidavam dos pobres. Devemos retornar à nossa pobreza e, sobretudo, devemos retornar ao que éramos antes. Nada de sombra e água fresca!

Queremos ser uma força nas mãos da Igreja, sem descanso, mas devemos entrelaçar o amor de Cristo com as almas e o amor pelos pobres.

(Dom Orione: Reunião dos Exercícios Espirituais de 7 – 14 de agosto de 1934 Montebello della Battaglia).

Testemunhos de pobreza

Padre Gaetano Piccinini: Pobre com os pobres, livre para amar

Desde a infância, o Padre Gaetano Piccinini (Avezzano 1904 –



Roma 1972) carregava as marcas da fragilidade e da esperança.

Órfão após o terremoto de Marsica em 1915, foi acolhido por Dom Luís Orione, que se tornou seu pai e guia. Na Família Orionita, encontrou

seu caminho: viver na pobreza com os pobres fiel ao Evangelho e à caridade sem limites.

Formado em Letras, foi diretor e reitor de escolas, conselheiro geral da Congregação, um homem de engenhosidade e organização. Ele colocou todo o seu talento a serviço dos mais vulneráveis, sem jamais buscar honrarias. Sua força residia na fé, na amizade e no amor concreto pelos menos afortunados. Ele repetia que a verdadeira riqueza de um padre é "o sorriso de alguém que se sente amado".

Essa convicção o guiou especialmente nos anos mais dramáticos da guerra. Em Roma, durante a ocupação nazista, ele escondeu e salvou dezenas de judeus perseguidos, compartilhando com eles a fome, o medo e a precariedade. Ele o fez sem cálculos ou alarde, com a naturalidade de quem vê no bem um dever simples e

necessário. O Yad Vashem o reconheceu como “Justos entre as nações”, mas para ele era apenas uma dívida de amor para com Cristo e para com os mais fracos.

Aqueles que o conheciam o descrevem como um homem de grande coração, capaz de acolher sem julgar, de proteger sem deixar que sua posição pesasse. Com discrição, ele sabia como restaurar a dignidade e fazer com que todos se sentissem amados, sem superioridade ou condescendência. O Pe. Giuseppe Sorani lembrava dele como um homem de grande serenidade de espírito, capaz de acolher sem fazer perguntas e de encarar cada situação com naturalidade, como se fosse a coisa mais simples do mundo.

A sua dedicação não parou na guerra. Após 1945, dedicou-se a órfãos e crianças com deficiência, fundando e dirigindo instituições educacionais e de assistência social, dentre elas a de Monte Mario. Ele esteve presente em todas as emergências de seu tempo: De Polesine a Irpinia, de Vajont a Belice, organizando trabalhos de assistência e caridade em conjunto com religiosos, leigos e irmãos orionitas.

A sua vida e sua incansável atividade terminaram em 29 de maio de 1972, deixando uma grande lembrança de sua integridade sacerdotal, de seu apostolado visionário e empreendedor, de sua profunda vida interior, do culto à amizade e da promoção dos leigos.

Algumas ideias para a reflexão

- **Qual é a minha verdadeira riqueza?**

Eu me apoio mais em bens materiais, posições, reconhecimento ou na confiança em Deus?

- **Gratuidade do presente**

- Sei reconhecer que aquilo que recebi (fé, vida, talentos) é graça e não mérito? Como estou compartilhando o que recebi gratuitamente?

- **Simplicidade de vida**

- Existem sinais de luxo ou conforto que me impedem de viver o Evangelho com liberdade?



- **Estilo da missão**
- A nossa comunidade anuncia o Evangelho com um espírito pobre ou com a mentalidade de gestores e empresários.?
- **Presença entre os últimos**
- Estamos verdadeiramente enraizados entre os pobres do nosso território?
- **Gestão dos bens**

Como administramos o que possuímos? Até que ponto o nosso uso dos bens expressa confiança na Providência?

Oração final



Senhor Jesus,
para compartilhar a vida dos últimos,
faz com que também nós saibamos
caminhar levemente,
sem nos apoiarmos em riquezas ou
seguranças humanas.

Dá-nos um coração livre,
capaz de acolher e de dar sem medidas,
de ver em cada pobre o teu rosto,
e de servir com alegria a quem não tem
voz.

Espírito Santo,
mantenha viva na Igreja a chama da
gratuidade,
preserva-nos de sermos empreendedores do Evangelho
e torne-nos companheiros fiéis dos mais pequenos.

Bom Pai,
nos guie de volta à fonte,
para que nosso anúncio seja claro,
a nossa vida simples,
E nossa única riqueza o teu amor. **Amém.**

FICHA 6

**BEM-AVENTURADOS OS POBRES EM ESPÍRITO:
MARIA, EXEMPLO DE HUMILDADE E DE SERVIÇO**

37

ORAÇÃO INICIAL **Invocação ao Espírito Santo**



**Senhor Jesus Cristo,
eu te adoro como Filho de
Deus
e, pela meditação de tua
afetuosíssima Mãe,
te imploro:
envia sobre mim, da
abundância
de teu coração cheio de amor,**

**a graça do teu Espírito Santo,
para que Ele ilumine minha ignorância,
purifique e santifique meu coração culpado
e me confirme em teu sagrado amor.**

**Peço-te isto pela abundância
da tua infinita misericórdia
e pelos méritos de todos os teus santos!**

Amém.

F
I
C
H
A

06

(Santo Arnold Janssen)

APRESENTAÇÃO DO TEMA

38

O tema desta sexta ficha de formação, intitulado "**Bem-aventurados os pobres em espírito: Maria, exemplo de humildade e de serviço**", convida-nos a viver as virtudes da humildade e do serviço, como a Bem-Aventurada Virgem Maria, a humilde serva do Senhor. (cf. Lc 1,48). Foi ela quem pôde acolher e vivenciar plenamente essa bem-aventurança do Senhor Jesus:

«Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus.» (Mt 5,3).

Por meio de seu exemplo de vida, totalmente dedicada ao Senhor, a Virgem Maria nos fez compreender que a santidade de vida para a qual o Senhor nos chama é possível. Ela demonstra a importância dessas virtudes em nossa vida de cristãos e orionitas consagrados.

De fato, o Papa Francisco, durante o Angelus de 15 de agosto de 2021, sublinhou o papel e a importância da humildade na vida da Virgem Maria e de cada um de nós: «O segredo de Maria é a humildade. Foi a humildade que atraiu o olhar de Deus para ela [...]. Para nós também, a humildade é sempre o ponto de partida, o início da nossa fé. É essencial ser pobre de espírito, ou seja, necessitar de Deus».

Neste mundo contemporâneo, onde ideologias fortes, que exaltam a mentalidade de dominação e grandeza, influenciam cada vez mais homens e mulheres, existe um grande risco para todos nós de perdermos de vista o significado e a importância dessas virtudes cristãs de humildade e de serviço.

Refletir e meditar sobre essas virtudes, que de modo algum são sinais de fraqueza, pode nos ajudar não apenas a redescobrir seu significado e função em nossas vidas, mas também a crescer diariamente na entrega total de nós mesmos a Deus diante dos desafios dos novos tempos.

ILUMINAÇÃO



O voto de pobreza – Constituições

39

Art. 29: Com o voto de pobreza:

- obrigamo-nos a usar e dispor dos bens econômicos não como proprietários, mas em dependência do Superior, de acordo com as Constituições;
- empenhamo-nos em manter um teor de vida condizente com os verdadeiros pobres, segundo o Evangelho, bem sabendo que *"para viver a pobreza religiosa não é suficiente estar sujeito aos Superiores no uso dos bens, mas precisa também praticar uma pobreza exterior e interior"*.

Página bíblica – Lc 1,39-56



Naqueles dias, Maria se levantou e foi apressadamente Para a região montanhosa, a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.

Assim que Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê saltou em seu ventre. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e clamou em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! E por que me é concedido isto, que a mãe do meu Senhor venha a mim? Eis que, quando a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança no meu ventre saltou de alegria. E bem-aventurada aquela que acreditou, porque se cumprirá o que lhe foi dito por parte do Senhor".

Então Maria disse:

" A minh'alma engrandece ao Senhor

E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,
porque ele olhou a humildade de sua serva.

De agora em diante, todas as gerações me chamarão
bem-aventurada.

O Todo-Poderoso fez grandes coisas por mim
e Santo é o seu nome;

de geração em geração a sua misericórdia
para aqueles que o temem.

Ele demonstrou a força do seu braço,

Ele dispersou os orgulhosos
nos pensamentos de seus corações;

Ele destronou os poderosos,

Ele exaltou os humildes;

Ele saciou de bens os famintos,

Ele mandou os ricos embora de mãos vazias.

Ele socorreu Israel, seu servo,

lembrando-se de sua misericórdia,

como ele havia dito aos nossos pais,

Para Abraão e seus descendentes, para sempre".

Maria ficou com ela por cerca de três meses
e depois voltou para casa.

PAPA FRANCISCO

Caros irmão e irmãs,
bom dia, boa festa! Hoje,
na Solenidade
da Assunção da Bem-
Aventurada Virgem Maria
ao Céu, o Magnificat se
destaca na liturgia.



Este cântico de louvor é como uma “fotografia” da Mãe de Deus. Maria “se alegra em Deus, porque Ele atentou para a humildade de sua serva” (cf. Lc 1,47-48).

A humildade é o segredo de Maria.

Foi a humildade que atraiu o olhar de Deus para ela. O olhar humano sempre busca a grandeza e se deslumbra com o que é chamativo. Deus, porém, não olha para as aparências, Deus olha para o coração (veja 1 Sam 16:7) e se encanta com a humildade: A humildade de coração encanta a Deus. Hoje, olhando para Maria Assunta aos Céus, podemos dizer que a humildade é o caminho que leva ao Céu. A palavra “humildade” vem do termo latino humus, que significa “terra”. É paradoxal: Para chegar ao topo, no Céu, você precisa se manter baixo, como a Terra!

Jesus ensina: «quem se humilha será exaltado» (Lc 14,11). Deus não nos exalta por nossos dons, por nossas riquezas, por nossos talentos, mas por nossa humildade; Deus ama a humildade. Deus exalta aqueles que se abaixam, aqueles que servem.

Na verdade, Maria não atribui a si mesma nada além do “título” de serva: é «a serva do Senhor» (Lc 1,38). Ele não diz mais nada sobre si mesmo, não busca nada para si.

Hoje, então, podemos nos perguntar, cada um de nós, em nossos corações: como estou me saindo com a humildade? Busco ser reconhecido pelos outros, afirmar-me e ser elogiado, ou penso em servir? Sei ouvir, como Maria, ou só quero falar e chamar a atenção? Sei fazer silêncio, como Maria, ou estou sempre tagarelando? Sei como dar um passo atrás, apaziguar discussões e desentendimentos, ou será que estou sempre tentando me destacar? Reflitamos sobre estas questões: Como estou em termos de humildade?

Maria, em sua pequenez, conquista primeiro os céus. O segredo do seu sucesso reside em reconhecer-se como pequena, em reconhecer-se como necessitada. Para Deus, somente aqueles que se reconhecem como nada são capazes de receber tudo. Somente aqueles que se esvaziam são preenchidos por Ele. E Maria é a «cheia de graça» (v. 28) precisamente por causa de sua humildade. Para nós também, a humildade é sempre o ponto de partida, o início da nossa fé. É essencial ser pobre de espírito, ou seja, necessitar de Deus. Aqueles que estão cheios de si mesmos não deixam espaço para Deus – e tantas vezes somos cheios de nós – Mas quem permanece humilde permite que o Senhor faça grandes coisas (cf. v.49).

O poeta Dante define a Virgem Maria. « humilde e superior a qualquer criatura » (Paradiso XXXIII, 2). É belo pensar que a criatura mais humilde e sublime da história, a primeira a conquistar os céus com todas as suas forças, em corpo e alma, passou a maior parte da sua vida dentro dos muros do lar, na normalidade, na humildade. Os dias da Cheia de Graça não eram particularmente notáveis. Frequentemente, sucediam-se uns aos outros da mesma maneira, em silêncio: Por fora, nada de extraordinário. Mas o olhar de Deus sempre permaneceu sobre ela, admirando sua humildade,

sua disponibilidade, a beleza de seu coração jamais tocado pelo pecado.

É uma grande mensagem de esperança para cada um de nós; para você, que vive dias iguais, cansativos e muitas vezes difíceis. Maria lembra-te hoje que Deus também te chama para este destino de glória. Essas não são palavras bonitas, é a verdade. Não se trata de um final feliz cuidadosamente elaborado, uma ilusão piedosa ou uma falsa consolação. Não, é a pura realidade, viva e verdadeira como a Virgem Assunta ao Céu. Vamos celebrá-la hoje com o amor de filhos, vamos celebrá-la com alegria, mas com humildade, animados pela esperança de um dia estarmos com ela, no Céu!

E oremos a ela agora, para que nos acompanhe na jornada da Terra ao Céu. Que ela nos lembre que o segredo da jornada reside na palavra humildade; não nos esqueçamos dessa palavra. E que a pequenez e o serviço são os segredos para alcançar a meta, para alcançar o Céu.

(Angelus na solenidade da Assunção da Bem aventurada Virgem Maria, Praça São Pedro, Domingo, 15 de agosto de 2021)

A Palavra do Pai

DOS ESCRITOS DE DOM ORIONE O EXEMPLO DE MARIA A EFICÁCIA DA DEVOÇÃO A ELA

Alegremo-nos todos no Senhor, ó irmãos, e celebremos as virtudes da Bem-Aventurada Virgem Maria, em cuja glória os Anjos se regozijam. Se analisarmos o conjunto de nossas inclinações morais, parece-me que precisamos de três virtudes: humildade, pureza e caridade. Aos excessos do orgulho, o freio da humildade; aos excessos da sensatez, o freio da pureza; ao egoísmo o ímpeto da caridade.

Essas virtudes são também tão humanas, tão sociais, que a sociedade é sustentada, em grande parte, por tudo o que ainda resta dessas virtudes. Mas o ideal de virtude, construído sobre o nada, nos deixa indiferentes. Precisamos de exemplos, de modelos. Bem, Maria não é apenas um nome doce, que faz vibrar as cordas mais



íntimas do coração, porque ela é a Mãe de Deus e nossa: mas Maria inunda nosso espírito com uma emoção muito suave, também porque Ela nos oferece o modelo insuperável de virtude.

Encontramos em Maria o belo ideal de humildade, pureza e caridade, nesses fatos que o Evangelho, com tanta sabedoria, nos transmitiu. Em Maria reside o ideal mais perfeito de humildade, e Dante, precisando de um exemplo de humildade no Purgatório, o transcende para a cena da Anunciação. Não poderia ter escolhido nada mais eficaz. Elevada a uma dignidade que nenhum orgulho jamais poderia ter sonhado, Maria não perde de vista sua humildade. Acima de todas as mulheres, dentre as quais é abençoada, diante de Gabriel, que se curva reverentemente a ela, ela não se esquece de sua imagem diante de Deus e se chamará de escrava, de serva do Senhor. Eis a serva do Senhor!

E quando as palavras de Isabel a fizerem sentir sua grande dignidade como Mãe de Deus, então ela não sentirá complacência, mas sim gratidão a Deus, e seus pensamentos se elevarão para bendizer somente a Ele: *Magnificat anima mea Dominum!*

Magnificat! Uma canção sublime na qual se pode sentir todo o perfume de sua sincera modéstia. De tal forma que Alighieri dirá: «Humilde e nobre, mais que uma criatura».

Que a Virgem Maria nos console e nos abençoe! E benditos sejam todos vocês, ó irmãos: sejam sempre benditos! Ave Maria!

(Dom Orione - Pela festa de Nossa Senhora da Guarda, 29 de agosto de 1936)

Testemunhos dos confrades

Sacerdote Aldo Vitti



O Padre Aldo VITI nasceu em 17 de abril de 1923, em Fiastra (MC, Itália). Ingressou na Congregação em 1936, em nosso pequeno seminário em San Severino Marche, onde iniciou sua formação religiosa, que culminou com sua ordenação sacerdotal em 29 de junho de 1951.

Após várias missões na Itália, aos 74 anos, foi convidado a partir como missionário para a **Costa do Marfim**. Em **Bonoua**, onde viveu por 22 anos, foi primeiro Mestre de Noviços e depois um incansável promotor da **devoção à Virgem Maria**. Com tenacidade, conseguiu construir o **Santuário de Nossa Senhora da Guarda** em Bonoua, onde foi confessor assíduo até o fim. Ele sabia como semear o amor pela Virgem Maria nos corações dos noviços da Província de Nossa Senhora da África e dos cristãos do bairro de Impérié (Bonoua).

Todas as noites, ele liderava a **oração do Rosário** aos pés da estátua da Nossa Senhora da Guarda, juntamente com as crianças da vizinhança. Ele adorava compartilhar a experiência e a espiritualidade mariana de **São Luís Orione** com os noviços e peregrinos do santuário. O Pe. Aldo VITI foi, seguindo os passos de Dom Orione, um grande devoto da Virgem Maria.

Além disso, graças à sua iniciativa, nasceu aos pés do Santuário de **Notre Dame de la Garde de Bonoua** a “**Família Caridade de Dom Orione**”, uma obra de caridade orionina com o objetivo de **ajudar os pobres e os mais vulneráveis**, em particular **órfãos, viúvas e pessoas necessitadas**.

O Pe. Aldo VITI trabalhou muito **cuidando dos doentes** (era visto com sua maleta médica fazendo curativos), **fornecendo material escolar aos alunos e alimentos para viúvas e órfãos**, e realizando **projetos de atividades geradoras de renda** para autossustentabilidade das pessoas vulneráveis.

Em 2020, por motivos de saúde, teve de regressar a Itália e, aos 18 de dezembro de 2023, voltou à casa do Pai.

PERGUNTAS PARA O DIÁLOGO

- Que lugar você dá à simplicidade e à humildade em sua vida?
- Como a pobreza de espírito ajuda você a servir melhor aos outros?
- Como você vivencia concretamente o espírito da pobreza hoje (em sua comunidade, em suas escolhas, em suas necessidades, etc.)?



INDICAÇÕES PARA O APROFUNDAMENTO PESSOAL E COMUNITÁRIO

- *Don Orione. Lettere. Volume I e II.*
- *Angelus, Solenidade da Assunção da Beata Virgem Maria, Praça São Pedro, Domingo 15 de Agosto de 2021*, site vaticano.
- *A Virgem Maria, Serva do Senhor*– [YouTube TV](#)
[Bénis pour une nouvelle vie.](#)



Piccola Opera della Divina Provvidenza (Opera
Don Orione) Via Etruria 6, 00183 Roma
Tel. +39 067726781 - e-mail:
fdp@pcn.net www.donorione.org

